

O SAPO DESENCANTADO

Embarquei no táxi e falei o itinerário. As ruas começaram a passar depressa e a ansiedade me fez revisar a bolsa, pra ver se não tinha esquecido de nada. Por que eu sempre acabava levando tudo aquilo pra um encontro? Uma bolsinha com maquiagem, uma com remédios, outra com cartões telefônicos e horários dos ônibus, escova, telefone celular, carteira, patuá, chaves, lenços de papel, niqueleira, caneta, pastilhas, baralhinho... - minha bolsa seria de muita utilidade em uma gincana. E, finalmente, escondido num canto, o pequeno livro de poesias. Aquele companheiro era o álibi perfeito quando precisava me livrar de situações difíceis. E se ele se atrasasse?

Desci do táxi e corri até o restaurante, escapando da chuva. Por incrível que pareça, tinha esquecido da sombrinha. Resvalei na area e já me vi entrando porta de vidro à dentro mas, por sorte, parei no grande capacho. Um semi-grito acompanhou o malabarismo.

Pelo lado de dentro, o garçom quatrocentão ergueu uma sobrelanceira e me olhou de alto a baixo. Abriu um pouco a porta e perguntou, com voz empastada:

- A senhorita deseja entrar?

Olhei-o e respondi, empertigada:

- Claro, só vou me recompor um pouco.

Ele me deu um sorrisinho tétrico e fechou a porta; certamente não gostou da maneira pouco convencional de chegar em lugar tão bem conceituado. Fui para um canto menos iluminado e retoquei o batom, penteei aquela "guampinha" que os meus cabelos insistiam em formar no fim da franja, espanei a chuva dos ombros e da saia. Por sorte, ninguém entrou no restaurante naquela hora.

Pensei no encontro e em quanto tempo esperava por ele. Tudo sairia bem. Mas, ao primeiro passo, o salto do sapato deu o seu recado: quebrei! Terror. Senti-me a gata borralheira. Um salto quebrado pode acabar com todo o encanto. Respirei fundo, tinha que me controlar. Sorri e resolvi ir em frente. Aquele salto não ia tirar a minha graça nem estragar a noite.

Entrei, rengueando com classe e parei em frente ao garçom, sorrindo docemente.

- A senhorita espera alguém?

- Sim, senhor. O príncipe encantado.

Ele me olhou com espanto, eu lhe retribuí com um olhar de doida e ele logo retomou o porte.

- Bem, se o seu príncipe usa capa e coroa, ainda não chegou. Mas há um cavalheiro sozinho na mesa dezoito. - e indicou a direção com a cabeça.

Não era ele. Pedi uma mesa e ao me equilibrar até ela, pensei no meu livrinho com alegria.

Trouxeram a entrada, e eu lendo o livro. Passaram dezenas de minutos, e eu disfarçando que lia o livro. A situação estava bem embaraçosa. Olhei o celular: ligado e com sinal. Tentei o número dele: telefone desligado. Na rua, a chuva aumentava cada vez mais... ora, esse podia ser o motivo do atraso. Pensei no baralho: não; não ficaria bem jogar paciência naquele local. O garçom aproximou-se:

- A senhorita vai fazer o pedido?

- Não. Vou esperar.

Ele fez uma expressão irritada e afastou-se. Coloquei uma pastilha na boca. Procurei o patuá: o santo não podia dar uma ajudazinha? Senti o início de uma dor de cabeça e lá estava a bolsa de remédios para me socorrer: tomei dois comprimidos de vez. Uma hora de atraso: vontade de chorar, cabeça confusa: sensação horrorosa.

O garçom cravava em mim, cada vez mais, seus olhos de urubu velho.

O abandono ficou explícito, o príncipe não veio e a cinderela *fake* estava se desfazendo.

Mesmo ainda com um pouquinho de esperança de que ele chegasse e me desse uma desculpa super compreensível, chamei o urubu e pedi a conta. Peguei um lenço e disfarcei que tossia para secar uma lágrima. Paguei a conta, tirei os sapatos e atravessei o restaurante em direção à saída. Algumas pessoas riram, outras nem notaram.

O garçom, com cara de escândalo, veio ao meu encontro: - Não desejava colocar o meu sapato em uma sacola? - Não, eu não desejava. - Um táxi? - Não, iria a pé. Por sinal, por que ele não ia para o inferno?

A chuva gelada foi um alívio. E berrei muito para espantar a tristeza: - Já não se fazem príncipes encantados! Só uns sapos-Charles horrorosos, insossos e descuidados!! - entre outros elogios.

Azar o deles; tudo acaba, até os sortilégios que nos fazem desejá-los.

Minha bolsa foi a grande companheira da noite.